

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**DOUBLE BILL**  
**26 de novembro de 2022**

**UNE SIMPLE HISTOIRE / 1959**

*Um filme de Marcel Hanoun*

*Realização, Argumento, Produção: Marcel Hanoun / Assistência na Realização: Jacques Warnant / Anotação: Anne-Marie Loth / Música: Hubert d'Auriol, Cimarosa, Vivaldi / Som: Paul Bonnefon / Interpretações: Micheline Bezançon (a mãe), Elizabeth Huart (filha), Raymond Jourdan, Gillette Barbier, Madeleine Marion, Maria Meriko, Max Delon / Cópia: Digital, falado em francês com legendas eletrônicas em português / Duração: 64 minutos / Estreia Mundial: 1 de abril de 1959, Festival de Cannes / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

**Une simple histoire** é apresentado em “double bill” com **The Straight Story**, de David Lynch (“folha” distribuída em separado).

Entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

\*\*\*

Fotógrafo, escritor e cineasta muito ativo ao longo dos anos, Marcel Hanoun permanece um pequeno grande mistério no âmbito da cinematografia francesa marginal à Nouvelle Vague. O termo de comparação é, de maneira clara, o cinema de Robert Bresson: **Une simple histoire** prenuncia, no seu movimento ou gesto estético, o que Bresson desenvolve em **Au hasard Balthazar** (1966) ou **Mouchette** (1967), mas sem o estilo “transcendental” característico do grande mestre francês. Da mesma forma, o seu fundamental – e ainda hoje pouco lido, lamentavelmente – *Cinéma Cinéaste : Notes sur l'image écrite* representa a mais perfeita resposta, ao dia de hoje, às *Notas sobre o Cinematógrafo*, o fundamental livro de aforismos de Bresson. Aí, entre várias reflexões em que se debruça sobre a natureza da prática fílmica (o alcance de uma certa “escrita” orgânica e convulsiva através das imagens), Hanoun dispara: “O olho, a imagem, um corpo-a-corpo”. Disserta ainda, noutras passagens, sobre imagens cravadas de dor e batendo-se por uma “câmara nua”. Numa entrevista concedida a André Cornand e Abraham Segal, Hanoun desenvolveu a ideia subjacente ao seu cinema, à sua, para citar uma fórmula de Susan Sontag afim do universo de Bresson, “estética do silêncio”: “Acho que os meus filmes estão extremamente organizados, e são muito simples, por isso, eles acabam por ser acessíveis e não são de maneira alguma intelectuais. Eles são feitos de carne. Eles estão vivos. Eles têm sentimentos. Eles têm pele.”

**Une simple histoire** é simples, porque respeita rigorosamente um relato, mais em concreto a *via crucis* por que passa uma mãe na companhia da sua filha pequena, tentando sobreviver na selva urbana, dependendo da bondade de estranhos para terem um teto e alguma comida que lhes permita aguentar o dia. É um filme, lê-se no cartão de abertura, baseado numa história “verdadeira”, que procura, num estilo *straight*,

silencioso, frontal ou descarnado (quase documental), reconstituir essa dolorosa travessia de vários dias até que alguém dê por elas e as salve, numa espécie de versão feminina da mais conhecida longa-metragem de Éric Rohmer, **Le signe du lion** (1962). Na realidade, parte da angústia do filme é potenciada pela sua estrutura circular: a história começa *in media res* e ingressa num passado recente preenchido pela mais dura errância pelas ruas de Paris, com a mãe à procura de um trabalho capaz de proporcionar algum conforto à sua filha. Como reparou o americano Jonathan Rosenbaum, numa crítica entusiástica ao filme, nem tudo é friamente objetivo aqui: há espaço para a fuga, para o delírio febril de um sonho imerso num cenário de miséria ou para apontamentos sobre a miséria de uns, que não têm emprego mas que precisam de trabalho como de pão para a boca, e a fortuna de outros que não precisam de dar no duro, “desfilando” a sua prepotente vaidade e *fare niente* nas páginas das revistas. O primeiro corpo-a-corpo, se não acontece logo com as imagens algo “brutas”, em 16mm e num granuloso preto-e-branco, registadas pela câmara nua de Hanoun, tem lugar num espaço intersticial, entre o que se narra e a narração propriamente dita, preenchida que está por um texto quase “matraqueado” em *over* pela protagonista, numa sucessão de “monólogos interiores” de que é feito o dito relato.

Foi Jean-Luc Godard quem teceu os maiores elogios a Hanoun por altura da estreia deste filme, notando que “**Une simple histoire** se apresenta como um documento, enquanto uma afirmação clínica (...). A originalidade de Marcel Hanoun está em nos descrever não só uma situação dramática mas um carácter”. O acesso inadjectivado ao mundo da miséria é acompanhado de uma aproximação ao estado psicológico da personagem feminina – ela não se define por essa miséria, ela define-se, antes, não apenas pela sua ação em contrariar a situação como também pelo desejo final de, se calhar, “acabar com tudo”. Não é o aspeto sociológico que interessa mais a Hanoun, mas a condição humana tal como refletida – tal como estilhaçada – pelo exemplo da protagonista, corpo em que “ser” e “estar” se equivalem, porque não há espírito que vença a falta de alimento e corpo que se ponha em movimento uma vez excluído de qualquer forma de participação humana. Verdade simples mas dura.

Luís Mendonça